

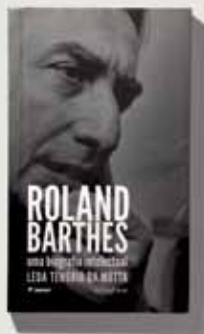
Roland Barthes: um cético moderno

Olgária Matos

Roland Barthes - *Uma biografia intelectual*, de Leda Tenório da Motta, inscreve Barthes na grande tradição das “morais do grande século”, para logo apresentá-lo na figura mais universal do filósofo. Pois, se nos cortesãos de Luís XIV, La Rochefoucauld detectava em cada vício a máscara da virtude, é por romper com a lógica do incontrovertido em que o ser é e o não ser não é. Neste sentido Leda Tenório da Motta escreve: “A Barthes essas práticas de desmonte do *logos* que estabiliza coisas instáveis sugerem todo um pautário que, passando pelos drogados baudelairianos postos em beatitude, pela lucidez da hiperconsciência de Monsieur Teste e pelos heróis distanciados de Brecht, vai da crise de Gide à postura zen”. (p. 52)

Desfazendo a oposição binária e o princípio de identidade, a autora mostra de que maneira em Barthes a dúvida não é o “pensamento do negativo” das sínteses hegelianas, porque não se trata de contradição, mas do Neutro. Neutro, observa Leda Tenório da Motta, não é Doxa, o discurso dos lugares-comuns e dos estereótipos da cultura contemporânea, que, ao gosto dos críticos da mídia, define sem definir, dizendo “o gosto é o gosto” ou “Racine é Racine”. Neutro, diversamente, é “ne-uter”, nem um nem outro, e um e outro.

Reavendo a tradição do ceticismo antigo e de Pirro, entre a tensão dos opostos e sua conciliação, a *epoché* é a “suspensão do juízo”, é o direito de calar-se. O que explica, observa Leda T. da Motta, “em plano prático ou de neutralização ética, seu famoso silêncio em relação ao regime maoísta; sua decisão de não julgar o Japão moderno e tecnológico, em seu *O império dos signos*, para só ficar nos minimalismos da cultura nipônica ancestral; sua escapada para o Marrocos logo depois dos acontecimentos de maio de 1968, cuja cultura *partisan* o aborrece.” Nem ativa nem passiva, a *apathia* não é desafeto, mas *sobrietates* e delicadeza. Com



Roland Barthes –
Uma biografia intelectual
Leda Tenório da Motta
Iluminuras / FAPESP
288 páginas, R\$ 47

o que Barthes, neste livro, afasta-se das injunções dogmáticas e de suas prescrições. O desejo do Neutro é: “Suspensão das ordens, leis, cominações, arrogâncias, terrorismos, ameaças, exigências, querer-cingir”. Nem ativa nem passiva, a indiferença barthesiana, mostra Leda T. da Motta, é distância com respeito ao narcisismo da imagem que se quer oferecer ao Outro, a que Barthes prefere o retiro que subtrai ao olhar, suspendendo as exigências da socialização. A indiferença é aqui tédio com respeito ao *status quo* do conformismo, é defesa contra o “acertar o passo” generalizado.

Da poética à literatura, de Rimbaud a Camus, da semiologia ao estruturalismo, do marxismo à indústria cultural, do mito à astrologia, o Neutro barthesiano é a indiferença que reúne a deriva suave à delicadeza, o discreto à nuance. E, como o *punctum* fotográfico, o Neutro é o pungente que se opõe ao *studium*, ao “estudado” para “comover”. Acompanhando os sentidos do Neutro, Leda nos mostra que, nesse “cético moderno”, à independência do juízo é também “direito ao cansaço” “no meio do caminho desta vida”, momento disruptivo, *punctum* final da preparação do romance do último curso de Barthes no Collège de France, de um romance que não será escrito: “Nessas condições”, conclui Leda Tenório da Motta, “como poderia o poeta definir a literatura senão como o grau zero da escritura [...], a forma do escritor sem literatura?” (p. 270)

Com extremo rigor e máxima liberdade, Leda Tenório da Motta faz ver no Neutro barthesiano a metafísica da impermanência, a lei do efêmero, a vanidade das coisas e a grandeza do instante. Instante da “*vita nova*”, ou “a morte do autor”, a *vita nova* é a morte do autor.

Olgária Matos é professora titular do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo e professora visitante do curso de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo.

Memórias de um cientista subversivo

Mariluce Moura

Todas as agruras a que o processo político brasileiro submeteu ciência e cientistas no país, no período da ditadura inaugurada em 1964, ganham cor e vibração extraordinárias no recém-lançado *Crônicas subversivas de um cientista*, de Luiz Hildebrando Pereira da Silva. Mas, em paralelo, também ganham uma transcrição literária poderosa a avassaladora emoção e o prazer que podem irromper de uma descoberta científica a que se chega após longo tempo de buscas extenuantes, mesmo tediosas. E nesse exato instante fica muito longe a identidade de cientista no exílio para impor-se a do cientista apaixonado em qualquer latitude. “Tarde da noite, quando terminamos e incubamos tudo aquilo na estufa, estávamos esgotados. E, no entanto, bem gostaríamos de poder ficar lá, ao lado, esperando o resultado. Mas é contra as regras da ética. Os cientistas devem mostrar-se frios e indiferentes. Toda demonstração afetiva por seu trabalho ou por sua obra é malvista. Assim fomos dormir segundo as normas da profissão.” O que ele narra é o parto do gene CRO (Control of Regulator and Others). “No dia seguinte, cedinho, depois de uma noite mal dormida, chegamos ao laboratório. Diretamente à estufa. Tiramos as placas todas do interior e as depositamos sobre a bancada. É o grande momento. Um suor frio nos escorre das têmporas (...).” Nesse mesmo diapasão ele segue contando o nascimento, a comemoração com champanhe no Instituto Pausteur, em Paris, os comentários abobados de pais recentes, o registro do recém-nascido. (p. 241)

Algumas páginas antes, numa outra crônica, Hildebrando já se referira a esse filho dileto de seu trabalho científico que é dado à luz depois de ele e outros companheiros de jornada pingarem “milhares de gotas”, esfregarem “milhares de placas” e contarem “milhões de buraquinhos”. “Um dia... Uma nova bela colina se revelou a nos-



Crônicas subversivas de um cientista
Luiz Hildebrando Pereira da Silva
Editora Vieira & Lent
477 páginas, R\$ 68,00

ossos olhos. A colina do gene CRO. A colina de Harvey Eisen, Pereira da Silva e François Jacob. Control of the Repressor and Others. Uma bela colina!” (p. 217)

Neste livro que inclui duas obras já publicadas, *O fio da meada* e *Crônicas de nossa época*, o talento narrativo do cientista, atuante aos 83 anos, se revela em toda a sua força também nos textos que trazem à cena retalhos preciosos da história do Brasil vista desde o campo da esquerda militante, e do Partido Comunista (PCB) em particular. Seja do exílio europeu, seja de dentro do navio Raul Soares, onde ele e tantos ficaram presos após o golpe de 1964, Hildebrando apresenta ao leitor personagens grandio-

sos e outros um tanto ridículos, cenas hilárias, tratadas com penetrante ironia, e outras dolorosas, perpassadas por infinita tristeza. É assim que ele conta, por exemplo, a última recepção a Roberto Morena, militante comunista em perpétua peregrinação. “Vejo sair do avião primeiro os turistas e os homens de negócios, depois Benedito Cerqueira, seu camarada na FSM, que o traz nas mãos. Ele me passa Morena e eu o tomo em meus braços com ternura. Ele não pesa muito. Apenas um quilininho. Um quilininho de cinzas.” (p. 282)

Chama atenção a capacidade de Hildebrando de fugir a toda tentação maniqueísta e, por isso, poder flagrar, de repente, no olhar de um político como o ex-governador paulista Adhemar de Barros, naturalmente um adversário, um lampejo de pura dignidade e determinação, e não se furtar a revelá-lo. E impõe-se por fim ao meu olhar o quanto é povoado quase que só por homens o universo por ele narrado. É um código masculino da amizade que apreendemos quando ele diz: “No momento da despedida, o fiscal de rendas me estendeu a mão, que apertei com cordialidade. Ao balançar a minha, com uma pressão em que eu reconhecia ternura de um novo companheiro, ele me disse: (...) se eu for preso outra vez não será mais por corrupção... Será por subversão!”